

CNI lança campanha contra recessão

Campo Grande — A Confederação Nacional da Indústria lançou em Campo Grande um movimento anti-recessão, definido por seu presidente, senador Albano Franco (PFL-SE), como um verdadeiro mutirão contra a submissão da economia nacional ao Fundo Monetário Internacional (FMI). “É um absurdo dizer que o governo quer a recessão. O desaquecimento existe mas, através de uma maior integração entre governo, indústria e a sociedade num todo, precisamos definir os novos rumos para nossa economia”, ressaltou.

Albano esteve ontem em Campo Grande, juntamente com a maioria dos presidentes das federações estaduais da indústria, para inaugurar a Casa da Indústria, oportunidade em que fez um apelo de união entre os empresários e o governo. Somente desta forma, em sua opinião, o país terá soberania e discernimento necessários para defender seu crescimento junto “as idéias ortodoxas e monetaristas do FMI”, a quem admite recorrer desde que as medidas não provoquem recessão.

O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, dizendo estar sendo malinterpretado em seus posicionamentos, enfatizou que não vê razão de perplexidade para o fato de o Brasil ir ao FMI, “desde que seja respeitada

sua soberania”. Sobre as novas medidas econômicas, acredita que há uma promessa de o comércio “fluir livremente”, e entende que o caminho “é por esta direção”. Amato defendeu os preços e salários caminhando concorrentemente como medida anti-recessão.

Amato admitiu o risco da recessão, lembrando que o varejo começa a apresentar alguma redução nas vendas. “Isto é um indício de que alguma coisa pode ocorrer. Não sabemos se esta redução é para alinhamento de estoque, pois a indústria não está sendo praticamente atingida”. Reafirmou ser contra o tabelamento dos juros, apostando em sua queda com o Cruzado III, a ser anunciado pelo ministro da Fazenda, e na colocação de mais dinheiro pelo governo na rede privada.

A liberação de Cz\$ 15 bilhões para pequenas e microempresas, porém, não agradou ao presidente da CNI:

— Não deixa de ser uma ajuda, mas com os juros de 0,5% ao mês mais a variação da LBC, o que significa uma correção com base na inflação, inviabiliza e impossibilita qualquer empréstimo.

Albano Franco alertou: “Precisamos estar alerta para enfrentar o perigo de interesses que podem levar o país de volta a rumos que não

servem aos empresários”. Embora admitindo que se “vive numa turbulência”, deve-se considerar que o Brasil cresceu próximo de 3% no setor industrial, o PIB chegou a 7,5% e o nível de desemprego foi um dos mais baixos nos últimos 20 anos, no ano passado: “A crise não é alarmante, mas preocupante e difícil. Temos que nos unir e dar apoio ao ministro da Fazenda na renegociação da dívida”. Perguntado se o atual momento econômico retorna o país ao clima de 64, disse que não há correlação:

— Absolutamente. O clima é de dificuldades e, portanto, é preciso um entendimento, um mutirão entre empresários, trabalhadores e o governo, inclusive na renegociação. Os banqueiros terão que compreender e entender o momento que o país atravessa.

Albano Franco defendeu a mini-desvalorização aplicada pelo governo e não vê necessidade de uma maxidesvalorização cambial para estimular as exportações, medida descartada também pelo ministro Dilson Funaro. Quanto a uma hiperinflação, disse que a hipótese está afastada, ressaltando: “estamos com uma inflação elevadíssima, em torno de 12% ao mês, e o governo necessita reduzir o déficit público. E sua intervenção no estado, principalmente na parte de preços.